

(CO)INSISTÊNCIAS

CO

(CO)INSISTÊNCIAS
ESTUDOS EM LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

utad UNIVERSIDADE
DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO

CEL
CENTRO DE
ESTUDOS EM
LETRAS, ARTES
E COMUNICAÇÃO


2018


CEL - CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS
VILA REAL MMXVIII

(CO)INSISTÊNCIAS

ESTUDOS EM LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO

Maria Luísa Soares, Natália Amarante, Daniela Fonseca,
Sónia Coelho, Susana Fontes

(CO)INSISTÊNCIAS

ESTUDOS EM LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO



Centro de Estudos em Letras
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Vila Real • MMXVIII

Título: (Co)Insistências: estudos em Letras, Artes e Comunicação

Editores: Maria Luísa Soares, Natália Amarante, Daniela Fonseca, Sónia Coelho, Susana Fontes

Design da capa: Helena Monteiro

Edição: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Vila Real, Portugal

e-ISBN: 978-989-704-360-4

Data: dezembro de 2018

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| Prefácio | |
| <i>Maria Luísa de Castro Soares</i> | 7 |
| Teoria e prática (orto)gráfica nos manuscritos setecentistas de Manuel Álvares da Rosa | |
| <i>Susana Fontes & Sónia Coelho</i> | 11 |
| Die Vermittlung des Deutschen als Fremdsprache vom 16. bis 18. Jahrhundert im Kontext des Aufkommens einer eigenständigen 'Grammatik' der deutschen Sprache | |
| <i>Rolf Kemmler</i> | 27 |
| O grande leilão da monarquia brasileira | |
| <i>Nancy Corrêa Plonczynski & Fernando Moreira</i> | 51 |
| Turismo Cultural e Religioso. Rituais Coletivos: o uso da máscara na festa de Santo Estevão, em Ousilhão | |
| <i>Aida Carvalho</i> | 75 |
| Luandino Vieira and Uanhenga Xitu – Resistance and Cultural Identity | |
| <i>Orquídea Ribeiro & Susana Pimenta</i> | 83 |
| A educação literária: uma apologia da leitura | |
| <i>Carlos Teixeira</i> | 93 |
| A Educação em Ferreira de Castro | |
| <i>João Bartolomeu Rodrigues</i> | 101 |
| A Música e o Texto na Pedagogia: estudo de caso | |
| <i>Maria Luísa de Castro Soares & Joana Filipa Neto Borges</i> | 109 |
| Métodos de Construção da Personagem nas Artes Performativas | |
| <i>Isabel Viana</i> | 121 |
| Conversas sobre o ator natural | |
| <i>Natália Amarante & Rita de Azevedo</i> | 133 |
| Imprensa que nasce com a revolução: o caso do semanário <i>O Jornal</i> | |
| <i>Pedro Marques Gomes</i> | 141 |
| Que língua fala a comunicação? A incidência da língua inglesa sobre textos portugueses de Marketing e Publicidade | |
| <i>Daniela Fonseca</i> | 151 |
| Rádios comunitárias, diferentes tipologias e enquadramentos dentro da CPLP: os casos de Angola, Brasil e Portugal | |
| <i>Miguel Midões</i> | 161 |

Turismo Cultural e Religioso

Rituais Coletivos: o uso da máscara na festa de Santo Estevão, em Ousilhão

Aida Carvalho

CiTUR

Instituto Politécnico de Bragança

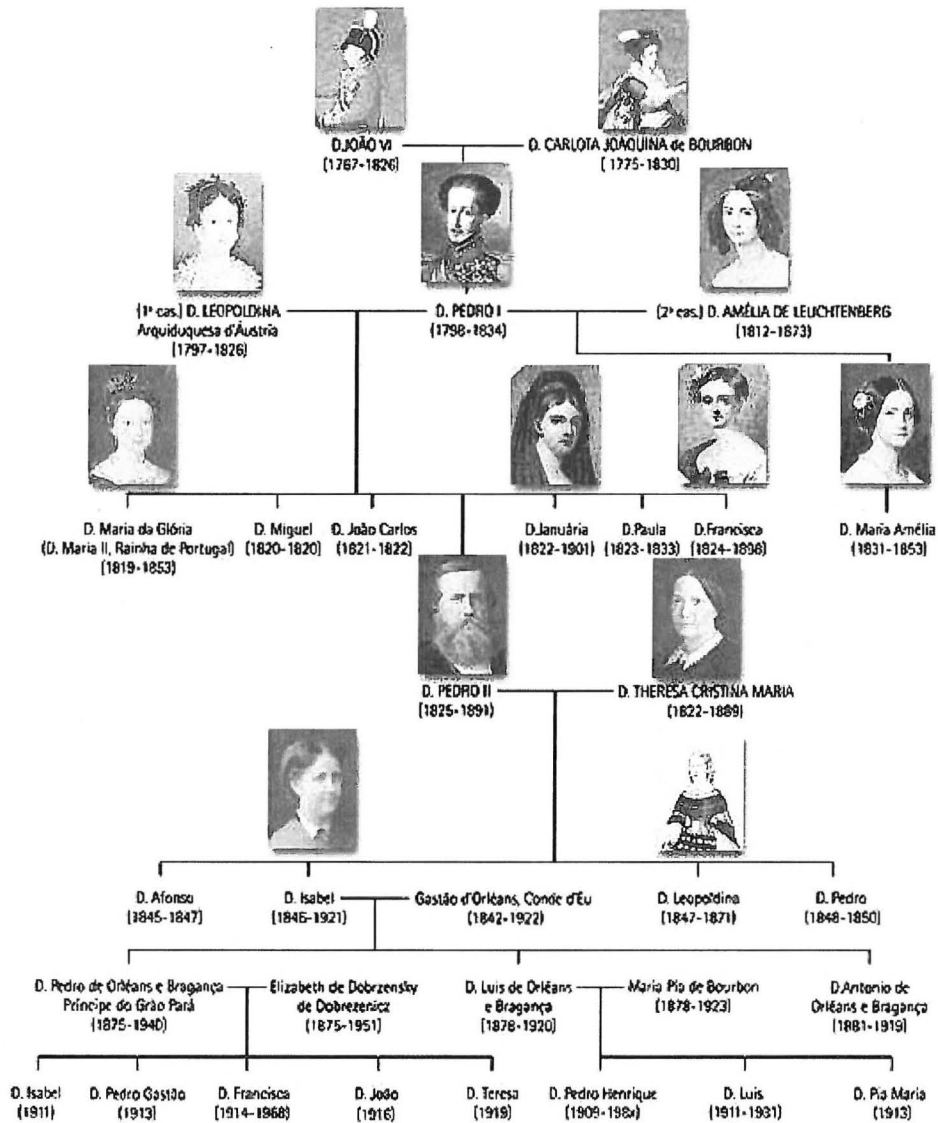
Resumo

A festa em honra de Santo Estevão, em Ousilhão, Vinhais, soleniza-se nos dias 25 e 26 de dezembro, por altura do solstício de Inverno, no contexto romano e pagão. Enquanto fenómeno sociorreligioso foi, durante décadas, objeto de descrição popular e interpretação antropológica pela dupla dimensão que manifesta: sagrada e profana. Contudo, a globalização cultural, marcada pela tentativa de homogeneização das práticas culturais e rituais, tendeu a convertê-la numa festa popular da aldeia. Na festa, o recurso ao uso da máscara como elemento identitário é um processo definidor e integrador da unidade cultural. O seu uso traduz um complexo de práticas formalizadas entre máscara e mascarado; identidades culturais que se partilham e, ao mesmo tempo, se guardam e transmitem de geração em geração. Quiçá o isolamento geográfico e a alta taxa de envelhecimento da população, preservou os padrões de comportamento, hábitos, modos de vida, sonoridades, oralidades e relações familiares e/ou de vizinhança. Estes traços dominantes, continuam a desempenhar um papel fundamental na vida comunitária, apesar dos reflexos visíveis do êxodo rural e da emigração que assolaram a região, desfazendo parcialmente as formas tradicionais de organização coletiva, causando descaracterizações, mais ou menos pontuais. Estas mudanças provocaram na localidade o desassossego de (sic): “as festas já não são o que eram; qualquer dia não há quem as faça”, diz o povo. À medida que o mundo intensifica a uniformização do seu modo de vida, têm surgido vários movimentos que, em contraponto, valorizam a autenticidade dos territórios, dos objetos que se redescobrem dentro das regiões. E, é nesta visão que, o património intangível, em geral, e a máscara, em particular, ganha cada vez expressão, indo ao encontro das linhas orientadoras do turismo cultural que visa dar resposta a estes segmentos, seja no âmbito dos produtos estratégicos, seja no circuito do calendário nacional de eventos artístico-culturais ou na promoção de ativos diferenciadores. Pretende-se, com este trabalho, privilegiar o uso da máscara como adereço identitário da festa de Santo Estevão, abordando outras leituras da cocriação.

Palavras-chave: festa pagã, festa religiosa, máscara, turismo cultural.

Anexo 4 - Árvore genealógica da Família Imperial Brasileira

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA IMPERIAL BRASILEIRA



Fonte: www.sokarinhos.com.br/HISTORIA/histbr_42.

Introdução

“Uma religião a que se elimine o ritual desaparece porque as religiões para os homens (com excepção dos raros metafísicos, moralistas e místicos) não passam de um conjunto de ritos, através dos quais cada povo procura estabelecer uma comunicação íntima com o seu deus e dele obter favores.”

Eça de Queiroz
in “A Correspondência de Fradique Mendes”

A sociedade vive numa constante procura por diferentes experiências contextualizadas, desafiando permanentemente as estruturas locais e regionais a dar respostas a novos e diferentes desafios. Ousilhão, enquanto território de baixa densidade, preserva muitas das tradições e das singularidades locais, podendo originar produtos estratégicos para o desenvolvimento e competitividade do território, das instituições e da economia regional. As reproduções de modelos de desenvolvimento turístico-culturais podem conduzir a abordagens mais criativas, diferenciadoras e competitivas no desenvolvimento do turismo. Este modelo tem a particularidade de colocar novos desafios na relação entre a oferta e a procura, conduzindo ao processo de coprodução de experiências significativas. Este conceito vai ao encontro dos desejos dos novos turistas que anseiam aprender mais sobre os aspetos culturais dos destinos que visitam, participando e interagindo ativamente com a comunidade local e assim exprimirem e desenvolverem as suas competências criativas. *Grosso modo*, assiste-se a um novo paradigma do contexto social e cultural em que as manifestações culturais, enquanto fenómenos milenares das sociedades tradicionais que, durante décadas, foram objeto de numerosas descrições e interpretações antropológicas, religiosas e socioculturais, ganham território fértil para novas leituras e utilizações. Num cenário de profunda massificação das economias globais, as manifestações culturais e as festividades de Santo Estevão, foram-se mantendo, não obstante dos limites das comunidades serem fenómenos permeáveis, partes integrantes de processos interativos, definidores e integradores de unidades culturais, estimulando a uma cultura efémera que, por vezes, não se identifica com as identidades locais. Ousilhão, graças a um conjunto de causalidades, preserva as festas religiosas pouco adúlteras quiçá resultado do envelhecimento da população, pouco permeável às novas tendências, captando-se padrões comuns, hábitos, tradições, modos de vida, oralidades e intensas relações familiares e/ou de vizinhança; apesar das consequências do êxodo rural e dos fenómenos migratórios que assolam(ram) a região, desfazendo parcialmente as formas tradicionais de organização coletiva e causando determinadas descaracterizações, mais ou menos, pontuais. Estas mudanças provocaram na localidade o desassossego de: “As festas já não são o que eram. Qualquer dia não há quem as faça”, dizia o povo de Ousilhão, nos

anos 90. Esta inquietude levou a que no ano de 1997 a Associação Cultural e Recreativa de Ousilhão assumisse a realização da festividade de forma a perpetuar a religiosidade e os interesses culturais locais. Atualmente, representam valores inclusos que poderão diferenciar o destino turístico, atraindo visitantes para experienciar a vivência de práticas rituais e ritualizadas pré-estabelecidas em Ousilhão.

1. Ousilhão, um território, uma cultura

A aldeia de Ousilhão situa-se a Sudeste de Vinhais, junto à Estrada Nacional nº316, cerca de 12 Km da sede do concelho, Vinhais, distrito de Bragança. É um território inserido numa região periférica, que se debate com os problemas extensivos a tantos outros concelhos do interior, fruto de um modelo de desenvolvimento económico e social que privilegiou o litoral, ao longo das últimas décadas, conduzindo a um processo de despovoamento contínuo, conforme a tabela abaixo:

| Habitantes (ano) | Habitantes (número) |
|------------------|---------------------|
| 1960 | 496 |
| 2001 | 194 |
| 2011 | 123 |

Tabela n.º 1: Número de habitantes
Fonte: censos INE (2001-2011)

Os dados indicam que, desde a década de sessenta, a comunidade sofre de um processo de despovoamento e perda de população constante. Em termos económicos, tem sofrido de uma marginalização económica tendo o artesanato local tem um lugar muito importante na transmissão do património cultural mormente o engenho de máscaras, existindo pequenas oficinas/ ateliers. Este tecido económico muito débil conjugado com um analfabetismo e um isolamento geográfico elevado influenciaram o arcaísmo dos costumes que persistiram mais tenazmente à influência da vida moderna, determinando o contexto social e os sistemas culturais.

Quanto à história da religiosidade das gentes de Ousilhão, destacam-se os festejos em honra da Nossa Senhora da Alegria celebrada, no dia 2º domingo de agosto, e as celebrações do Santo Estêvão, entre os dias 24 a 26 de dezembro; Santo Estêvão foi um jovem padecedor que irrefletidamente se popularizou e se tornou num protetor ideal da juventude. Estes fatores contribuíram para que no calendário litúrgico colocaram o Santo Estêvão no ciclo do Natal aquando da

celebração das Juvenalias. Daí a sua solenização colidir com os rituais e juízos das manifestações das festas dos rapazes. Neste período exteriorizam-se muitos sintomas da pluralidade contraditória das ideologias sociais entre o religioso e o profano, em que o objeto da máscara e os mascarados, com as suas vestes de cores vivas e chocalhos, têm o seu ponto alto.

2. A Máscara e o mascarado em Ousilhão

“São um símbolo da cultura das gentes, cuja raiz longínqua se esfumou nas brumas do tempo, dando livre expressão aqueles que por detrás dela se escondem, exteriorizando os seus mais guardados impulsos [...] são um motor de troca de experiências e implementação do social com forte sabor popular”.

Teresa Perdigão e Hélder Ferreira

A cultura é um elemento do sistema turístico que relaciona os lugares, as pessoas e o património cultural. É um veículo essencial de diversidade que pode tornar mais atrativas as diferentes regiões onde persistem as identidades culturais. O uso da máscara é uma manifestação cultural muito confinada, apesar de não ser exceção, à região de Trás-os-Montes, mormente, ao distrito de Bragança, nas localidades de Varge, Aveleda, Grijó de parada, Parada, Rebordelo, Travanca, Constantim, Rebordões, Bruçó, Valde de Porco, Tó, Torre de Dona Chama, Valverde e Ousilhão, conforme figura 1:

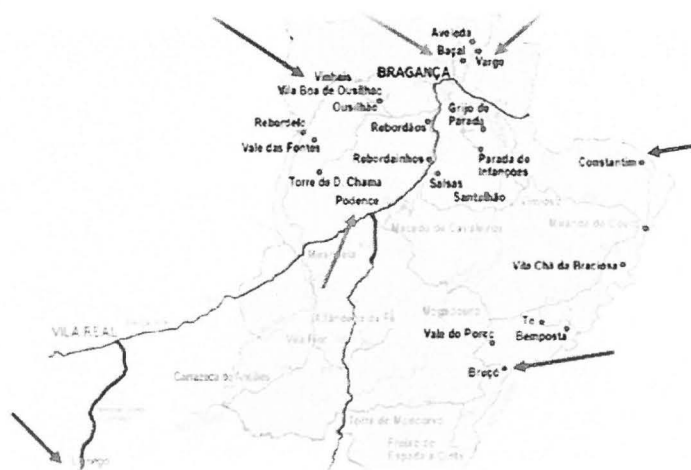


Figura n.º 1: Uso da máscara nas festividades
Fonte: Museu Ibérico da Máscara e do Traje

De acordo com a imagem nº 1 facilmente se depreende que a máscara é um elemento predominante no distrito de Bragança nas festas solsticiais do Inverno. As “mascaradas”, iniciam-se no último dia do mês outubro e terminam no dia seguinte ao Carnaval; é o designado inverno festivo que abrange dois momentos: “Ciclo dos doze dias” - período compreendido entre o Natal e os Reis, durante o qual ocorrem as Festas dos Rapazes, Santo Estevão, Ano Novo e os Reis; e o Carnaval – de sábado de Carnaval à Quarta-feira de Cinzas, o dia da Morte e dos Diabos, constituindo um adereço essencial das personagens que animam estas festas tradicionais. Segundo Tiza (2004), assumem funções primordiais e finalidades míticas, associadas aos ritos solsticiais, de fertilidade e/ou a profilaxia (funções purificadoras – Festa dos Rapazes). Segundo o mesmo autor, esta forma de culto tem “reminiscências pagãs, romano e celta, terão sido dedicadas ao culto do sol e outros deuses: as Santurnálias, a Saturno, protetor da agricultura, e as Juvenálias, festas protagonizadas “pela gente moça no dia 24 de Dezembro com canto bródio e patuscado. Com o advento da Cristianismo, haveriam de ser sabiamente adoptadas pela Igreja que lhes conferiu um carácter de sacralidade cristã, na tentativa do aproveitamento dos ritos tão fortemente enraizados pelo povo que o seu aniquilamento se afigurava missão impossível” (Tiza, 2004:113). Constituem um adereço indispensáveis ao exercício de rituais mágicos, permitindo que o mascarado assuma o protagonismo nas celebrações. Reproduzem um rosto humano, apesar de ser frequente a atitude de o desumanizar, recorrendo ao exagero de traços anatómicos, assimétricos ou conotados com o imaginário diabólico ou animalesco, realçando-se quase sempre o focinho, os chifres, as orelhas, boca e língua, conforme figura nº 2:



Figura n.º 2: Máscara de Ousilhão
Foto: Aida Carvalho, 2007

O processo de fabrico da máscara resulta de um conjunto de procedimentos relacionados com os valores culturais e os condicionantes socioculturais e/ou mesmo económicos que a transformam num veículo de afirmação regional. Produzidas em madeira (castanho, carvalho e/ou amieiro), a originalidade de produção/ reprodução seduz e apela à memória visual. Transmite uma mensagem em que o texto icónico e a musicalidade dos chocalhos se integram num único, indizível e sugestivo significado de jovialidade. E, é nesta ambiência de encenação que se festeja o culto a Santo Estêvão. A máscara é uma componente social da festa, um clarão que serve, segundo os populares, de amuleto *de sorte quer para o povo, para os animais ou para a agricultura* (sic). Esta singularidade e fator de diferenciação poderá ser enfatizado pelo turismo se e quando os *stakeholders* - inserem-se os vários atores presentes em Ousilhão: população residente, agentes da oferta e os agentes ligados ao planeamento e desenvolvimento local/regional - compreenderem o seu potencial. Para tal, é necessário criar mecanismos de comunicação, experiências contextualizadas que possam permitir uma melhor compreensão e fruição.

Para os transmoutanos trata-se de um verdadeiro objeto de culto que assume um significado místico e profano, além de uma mensagem individual. É um símbolo particular que reforça o sentimento coletivo de identidade e que alimenta no ser humano a reconfortante sensação de permanência e pertença a um espaço transgeracional. Estes rituais coletivos quebram o marasmo, rompem a tendência para o conformismo, podendo mesmo catalisar iniciativas de promoção e divulgação inovadoras ao mesmo tempo que serve de amuleto da população, auxiliando-a nos peditórios, nas ofertas, nas danças barulhentas e chocalhentas até aos roubos cerimoniais; indumentária imprescindível nas festas, representa um paroxismo de vida, rompendo de um modo violento com as pequenas preocupações do dia-a-dia. Ampara o homem para um “novo mundo”. A sua simbologia e construção, apesar de muito refém dos autóctones, traduz a autenticidade de Ousilhão, podendo funcionar como catalisador do turismo cultural e criativo. Segundo Sedmak & Mihalic (2008), a relação cultural e educacional, a estrutura da procura turística em termos das motivações dos turistas e dos seus gostos e valores, tem vindo a alterar-se, levando os turistas à procura de destinos autênticos. Este conceito de autenticidade foi introduzido inicialmente em estudos das motivações e das experiências turísticas por MacCannell, em 1973 e, ampliado, no ano de 1976, atestando que “a procura da autenticidade da experiência se manifesta em todo o lado da nossa sociedade e que, nas condições modernas, o lugar do individuo na sociedade é preservado em parte, pela nova institucionalização do interesse pela autenticidade das suas experiências sociais” e conclui que as “visitas turísticas são motivadas por um desejo de ver a vida como ela é realmente vivida, um conceito identificado nos nossos dias mas que já se encontra materializado nas peregrinações religiosas à muito tempo” (MacCannell 1976: 96). Segundo o autor, a autenticidade no turismo poderá revestir-se em autenticidade objetiva, e autenticidade construtiva,

quando estão relacionadas com os objetos e autenticidade existencial, quando relacionadas com as atividades.

Conclusão

O turismo é uma atividade multifacetada que apresenta uma forte ligação com o património material e imaterial de um lugar, de um território, catapultando-o. A manifestação cultural associada à máscara, ao mascarado e todo o processo de construção constituem um valor cultural, representando um recurso económico que pode gerar retorno e oportunidade de emprego. Dada a sua especificidade, é fundamental que os responsáveis pelo turismo encontrem nela formas de diferenciação para atrair mais turistas à região sem adulterar a sua função e o significado que para Lévi-Strauss (1988), a máscara não se baseia apenas numa descrição etnográfica, num artefacto, mas antes na memória do espírito, do povo. Assume a forma de “fim” comunitário apesar de comparativamente indiferenciada e igualitária. Portadora de numerosos sentidos, traduz uma oportunidade de novas linguagens do mundo humano que só pode ser traduzido na simbiose que une o significado ao significante, ou seja, por si só não tem significado. A sua interpretação poderá apresentar-se para sempre ao mundo dos inacessíveis. Esta singularidade poderá potenciá-la no processo criativo; objeto, figurável de representação plástica, apetecível ao mundo dos sentidos, pode facultar experiências únicas do lugar. A sua promoção e divulgação estruturada poderá contribuir para impulsionar a sua dignificação, protegendo e reforçando a identidade cultural, promovendo a própria riqueza regional/nacional. E neste aparente paradoxo que os gestores encontram os maiores desafios, isto é, tratando-se de uma manifestação muito criativa possibilita a coexistência dos turistas ávidos de participação, no envolvimento com a comunidade de Ousilhão, com a autenticidade, podendo gerar riscos de desvirtualização. A passagem de uma economia de serviços para uma economia de experiência é incontestável e é neste contexto que Gilmore (2002) defende que qualquer experiência turística reúne um conjunto de elementos-chave, da qual fazem parte a herança de uma região, a sua história, as atrações, e as características ou atributos que distinguem um lugar. Todavia, a forma como estes componentes são geridos faz toda a diferença, levando a uma série de questões, quando o objetivo é desenvolver ou promover turisticamente um território é indispensável a criação de valor e a projeção de experiências bem como uma forte ligação entre a comunidade recetora e os visitantes. Esta simbiose apresenta-se como o elemento central da experiência, uma vez que o contato social que se estabelece permite a construção de memórias e influência a satisfação dos visitantes, o que tem como consequência o regresso ao destino (Kastenholz 2010).

Referências Bibliográficas

- MacCannell, Dean (1976): *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. Universidade de Michigan: Schocken Books.
- MacCannell, Dean (1973): "Staged authenticity: arrangements of social space in tourist settings". *The American Journal of Sociology*. 7 (3), 589-603
- Lévi-Strauss, de Claude (2012): *La Via De Las Máscaras*, México: edição: Siglo XXI.
- Marcel, Marcel (1988): *Ensino sobre a Dádiva*. Tradução António Felipe Marques. Lisboa: Edições 70.
- Joseph Pine II and James H. Gilmore (2011): "The experience economy: past, present and future." In book: *Handbook on the Experience Economy*, Publisher: Edward Elgar, Editors: Sundbo, Jon and Sørensen, Flemming.
- asten holz, lisabeth (2010): " xperiência global em turismo rural e desenvolvimento sustentável das comunidades locais." Trabalho apresentado ao 4º Congresso de Estudos Rurais, Aveiro.
- Perdigão, Teresa; Ferreira, Helder (1973): *Máscara em Portugal. Mediatexto*, Lisboa
- Tiza, António Pinelo (1996): "O Sagrado e o Profano nas Festas do Ciclo de Inverno" in *Tellus*. Vila Real.
- _____ (2003): "Ritos Festivos" in *Gentes e Costumes*. Edição Câmara Municipal de Bragança.
- _____ (2004): *Ritos e Mistérios Transmontanos*. Lisboa: Esquilo.
- Queirós, Eça de (2009). *A Correspondência de Fradique Mendes - Eça de Queirós*. Biblioteca Editores Independentes /Documenta. Lisboa.

Webgrafia

- Instituto Nacional de Estatística (2011): resultados definitivos. Disponível em http://www.ine.pt/scripts/flex_definitivos/Main.html (consultado em 08 de dezembro de 2018).